



## **PREDICADOS EXISTENCIAIS DO JEITO BRASILEIRO DE SER: INTER-RELAÇÕES A PARTIR DA ANÁLISE FILOSÓFICO-CLÍNICA**

### ***EXISTENTIAL PREDICATES OF THE BRAZILIAN WAY OF BEING: INTERRELATIONS BASED ON PHILOSOPHICAL-CLINICAL ANALYSIS***

Maurício Sant Ana do Nascimento\*

#### **RESUMO**

Este artigo se refere a estudos de Filosofia Clínica (FC) packteriana que fundamentam Tópicos da Estrutura de Pensamento (TEP) e Submodos (SM), em destaque aos tópicos Sensorial & Abstrato (T3), Expressividade (T21), Semiose (T16), Comportamento e Função (T13) e Espacialidade (T14), quando vinculamos elementos da Estrutura Orgânica (EO) com Exames Categóricos (EC) e Estrutura de Pensamento (EP), no contexto de corpo, corporeidade e jeito brasileiro de ser. Nosso objetivo é discutir o jeito brasileiro de ser por meio de investigação de aspectos históricos, socioculturais na inter-relação com a base metodológica da Filosofia Clínica. Com o intuito de ampliar a compreensão sobre a constituição do modo de ser brasileiro sob a ótica da FC, trata-se de um texto básico de revisão, em pesquisa qualitativa via procedimentos bibliográficos de Revisão de Literatura. Dentre os resultados estão predicados existenciais, a exemplo da qualidade criativa do povo brasileiro, pelo que vislumbramos a dimensão da 'criatividade' como via de expressão ética, que embasa reflexão sobre elementos sensoriais e abstratos deste povo. Concluiu-se que a base conceitual sobre o 'jeito brasileiro' se origina de uma massa de gente nova, a partir da transfiguração de suas matrizes étnico-raciais, no aprendizado de 'um novo jeito de estar no mundo', diante da complexidade imperativa de valores formativos coloniais e desafios ambientais que impactam no modo de ser (de posicionar, entender, relacionar, tensionar, constituir, agrupar, resistir e responder) das pessoas.

**Palavras-chave:** Filosofia Clínica; povo brasileiro; existência; jeito de ser; criatividade.

#### **ABSTRACT**

*This article refers to packterian Clinical Philosophy (CF) studies that underlie Topics in the Structure of Thought (TEP) and Submodes (SM), highlighting topics Sensory & Abstract (T3), Expressivity (T21), Semiosis (T16), Behavior and Function (T13) and Spatiality (T14), when we link elements of the Organic Structure (OS) with Category Exams (CE) and Thought Structure (TS), in the context of body, corporeality and the Brazilian way of being. Our objective is to discuss the Brazilian way of being through investigation of historical and sociocultural aspects in interrelationship with the Clinical Philosophy basis. In order to broaden the understanding of the constitution of the Brazilian way of being from the perspective of SF, this is a basic review text, in qualitative research via bibliographic Literature Review procedures. Among the results are existential predicates, such as the creative quality of the Brazilian people, so we glimpse the dimension of 'creativity' as a route of ethical expression, which supports reflection on sensorial and abstract elements of this people. It was concluded that the conceptual basis for the 'Brazilian way' originates from a mass of new people, from the transfiguration of their ethnic-racial matrices, in learning 'a new way of being in the world', in the face of the imperative complexity of colonial formative values and environmental challenges that impact people's way of being (positioning, understanding, relating, tensioning, constituting, grouping, resisting and responding).*

**Keywords:** Clinical Philosophy; brazilian people; existence; way of being; creativity.

## **1 INTRODUÇÃO**

O presente estudo reúne e analisa conceituações acerca do 'jeito brasileiro ser', ou seja, daquelas características que são próprias ao 'modo de ser' brasileiro, conforme tem sido convencionalizado pela sociedade brasileira, no âmbito de uma Base Categórica, isto é, de possíveis contextos que podem fundamentar a organização de uma 'cultura brasileira';



para o exercício de entendimento conceitual, partimos de estudos históricos, sociológicos e antropológicos de apoio à sua contextualização, na inter-relação com a base metodológica, investigativa e analítica da Filosofia Clínica (FC) packteriana<sup>1</sup>. Ampliar a compreensão sobre a constituição do jeito de ser brasileiro sob a ótica da FC é o objetivo deste trabalho.

O jeito de ser do povo brasileiro é algo singular. O seu modo possui intensa manifestação criativa, com grande poder de transformar assuntos tristes, críticos e complexos em humor; até mesmo os assuntos mais violentos ganham contações diversificadas, geram interpretações com contextos interdisciplinares, promovendo-se novas leituras, novas interpretações, novos caminhos, predicados diversos e quebra de paradigmas.

O jeito maleável, por vezes brincalhão, com formas e meios expressivos próprios, não está restrito aos lugares, ou a uma classe específica; pelo contrário, manifesta-se por pessoas nos mais variados ambientes, independentemente de idade, gênero, formação, sexo, religião e localidade.

O jeito brasileiro de ser e se posicionar no mundo está presente no mundo corporativo, na família, na escola, na universidade, na religião, na indústria, no comércio, na área de saúde, na área de segurança, na arte, na dança, na música, em todas as instâncias, sempre contribuindo e construindo, dinamicamente, meios interpretativos e inteligentes de se situar e de se relacionar.

Este jeito próprio, singular, diferente, dinâmico é um importante objeto a ser estudado a partir da FC, por existir algo peculiar entre a prática clínica e alguns usos do ‘jeito brasileiro de ser’, tais como a plasticidade e aplicação aos modos singulares, a passagem por certas customizações, releituras, evoluções, simplificações e adaptações a partir das circunstâncias que elas estão envolvidas na existência de cada pessoa. Sobre este ponto, da aproximação do método e do objeto, resultam grandes descobertas que beneficiam os dois lados, principalmente em se tratando de diversidade e pluralidade de jeitos/modos de ser, ora dados na vida cotidiana – nas conversações do senso comum, ora dados no ambiente do consultório – nos diálogos terapêuticos vivenciados pelo filósofo clínico e o partilhante. A FC tem ‘o jeito brasileiro de ser’ e fazer presente nas especificidades de sua terapia existencial, considerando-se todo o processo de sistematização realizado por Lúcio Packter, no Brasil.

---

<sup>1</sup> A Filosofia Clínica sistematiza por Lúcio Packter.



Com essa aproximação, o mapeamento de tópicos<sup>2</sup> mobiliza uma composição interpretativa importante, desde aqueles tópicos com pesos subjetivos, com os de combinação tópica, derivações, autogenias e procedimentos clínicos, baseados nas circunstâncias categoriais e na historicidade; tal composição interpretativa é relevante tanto para os brasileiros na questão identitária e cultural, quanto para a própria FC, que se enriquece ao se posicionar como partilhante perante esse jeito diverso, espantoso e criativo de ser brasileiro.

## 2 PRIMEIRAS QUESTÕES SOBRE O JEITO BRASILEIRO DE SER: PONTOS HISTÓRICOS, SOCIOCULTURIAS E FILOSÓFICO-CLÍNICOS

### 2.1 PRINCIPAIS LINHAS INTERPRETATIVAS DO BRASIL E O JEITO DE SER BRASILEIRO

O jeito brasileiro de ser está em pauta em estudos, pesquisas, reportagens, ciclos de conversas, na arte e em outros diversos espaços de diálogo que buscam a compreensão do modo ser típico da diversidade sociocultural que está na formação do povo brasileiro, projetando-se, assim, diversas leituras e interpretações acerca da sua manifestação como fenômeno, ou objeto de estudo.

Nesse sentido, o esforço de buscar uma forma de descrever sobre o Brasil e os brasileiros, os habitantes desta terra, deste espaço sensorial e existencial de localização territorial, não é de agora; contudo, este ensaio busca trazer elementos da Filosofia Clínica (FC) packteriana para a análise em torno do que se convencionou definir sobre ‘jeito brasileiro de ser’ em importantes estudos históricos e socioantropológicos realizados a partir da década de 30 do século XX, pelos quais se firmaram duas linhas principais de pensamento.

Partindo-se de Gilberto de Melo Freyre, que em seu livro ‘Casa-Grande & Senzala’ (1933) descreve a formação do Brasil a partir da economia escravocrata, latifundiária e da monocultura, busca enfatizar as relações entre as pessoas, trazendo à tona os seus laços e temas cotidianos.

---

<sup>2</sup> Aprendemos com Will Goya, na obra ‘A Escuta e o Silêncio: lições do diálogo na Filosofia Clínica’, que por meio da pesquisa e sistematização realizada por Lúcio Packter passou a ser possível localizar as principais antropologias filosóficas da história, ou seja, aquelas coisas que se pensou e se definiu sobre o ser humano. Nesse sentido, o ‘mapeamento de tópicos’ é o processo laboral de organização dos conteúdos presentes nos lugares existenciais de cada pessoa, que em conjunto integram a sua Estrutura de Pensamento (EP), a qual reúne em trinta tópicos um diálogo entre os vários estratos da inteligência, pelo que se potencializa um conjunto infinito de possibilidades, na compreensão das diferentes representações de mundo e modos de ser (Cf. p. 32; 43-44 *et seq.*)



Com Sérgio Buarque de Holanda, em ‘Raízes do Brasil’ (1935), observamos que as características da sociedade brasileira possuem como fonte o processo de colonização implantado pelos portugueses. Por meio de Caio Prado Junior, na obra ‘Formação econômica do Brasil’ (1942), a questão colonial de base é aprofundada.

Muito embora essas obras tenham sido constituídas a partir de um grande empenho de energia para, enfim, entender o que o Brasil e brasileiros ‘são’, as duas linhas interpretativas contribuíram para aumentar a distância entre elas e ainda são utilizadas como referências para setores da intelectualidade, como exemplo, a política partidária do país (Barbosa, 1992, p. 8).

As contribuições de ambas as partes jamais conseguiram formar uma imagem da sociedade brasileira que procurasse entender e também explicar nossas singularidades políticas e econômicas baseadas nas nossas relações sociais. Pelo contrário, as linhas interpretativas davam margem para o inconciliável, o que possibilitou o surgimento de uma terceira linha interpretativa que caracterizava o Brasil como um país de ideias ‘fora do lugar’, um país indefinível, incompreensível, invertido e paradoxal.

Diante de tais linhas interpretativas, torna-se imprescindível a fundamentação em uma leitura antropológica que se aproxima do nosso cotidiano, do discernimento de valores básicos e estruturantes da nossa sociedade, para promover uma melhor visão de elementos pragmáticos da construção de uma visão que possibilitasse melhor entendimento do jeito brasileiro de ser.

Além da fundamentação, o cuidado em lidar com apontamentos que devem ser observados, acerca de uma contracultura que caracteriza o jeito brasileiro de ser como algo negativo.

Um desses exemplos associa a identidade do brasileiro com a corrupção. O Brasil é forçosamente definido como corrupto devido a certas práticas e comportamentos de ‘alguns’, no termo particular, entendido em narrativas como ‘todos’, no universal, e ‘todo ou cada um’, no singular.

Tal abordagem associa indevidamente o jeito brasileiro de ser, que também é conhecido como ‘jeitinho’, com a malandragem e o perfil ‘político ladrão’ fazendo parte de um suposto caráter do brasileiro, como um dos predicados fundantes de seu modo de ser, o que formaria uma espécie de ‘cultura de corrupção’ inerente a cada um e cada uma que nasce, cresce e vive no Brasil.



Essa abordagem, além de preconceituosa, naturaliza a corrupção no país, simplifica e congela sua compreensão, assim como impede o combate a um fenômeno de alta complexidade – além de desvalorizar as atitudes e os movimentos de opinião pública que expressam a revolta dos brasileiros contra essa prática. (Schwarcz; Starling, 2015, p. 758).

Se por um lado temos as duas linhas interpretativas que se distanciam entre si, e outras que promovem interpretações distorcidas, a FC possui um grande potencial de análise, pesquisa, mapeamento e aproximação das subjetividades, ao ponto de conseguir enxergar o ‘jeito brasileiro’ sobre outros ângulos, e por isso, passível de outros predicados.

Com Will Goya, em estudos da base metodológica da Filosofia Clínica, logo em seguida ao estudo dos tópicos da Estrutura de Pensamento, ele nos apresenta alguns conceitos bem relevantes para esta nossa reflexão sobre ‘modo’ e ‘jeito’ de ser, em sua abordagem introdutória dos Submodos, no âmbito dos procedimentos clínicos da FC, nos seguintes termos:

[...] vamos aos **submodos**. O termo ‘sob’, que quer dizer para baixo, para dentro, [...] como ‘sub-marino’, enquanto ‘submodo’, significa: **o modo de ser submetido ao jeito de cada um**; significa, em Português abrigado: **o jeitinho único de cada um**. Submodo é um termo/conceito que vem [...] se distinguir gravemente da tradição muito equivocada, calculista, de nossa época moderna, para a técnica, que se refere, portanto, o que muitos ainda usam, substitutos para o termo submodos, na minha opinião com erros graves, não enquanto termo, mas enquanto conceitos para dizer: ferramentas de operação na clínica; ou a associações físicas, mecânicas, para um pensamento e um modo terapêutico que essencialmente não é mecânico; como aplicar [...] técnicas, aplicar procedimentos no outro; isto é, uma relação que parece no qual o outro é subvertido, [...] subjugado à condição de objeto (puro objeto). (Goya, 2018, 31 s – 2 min 23 s – grifos nossos).

O fator intersubjetivo presente na relação ‘terapeuta-partilhante’ da FC não se fecha no aspecto de análise de fora para dentro, vide linhas interpretativas citadas na recente abordagem dos pensamentos históricos e socioantropológicos de Prado Junior, Holanda e Freyre sobre o Brasil.

A FC estuda, reconhece e respeita as verdades da Ciência e da cultura universal, contudo, são as verdades do (da) partilhante que têm relevância em suas análises.

## 2.2 O JEITO BRASILEIRO DE SER À LUZ DA FILOSOFIA CLÍNICA (FC) E DA RESISTÊNCIA AO PENSAMENTO COLONIAL ESCRAVOCRATA

Para além do que seja o Brasil, ‘interpretado’ nas linhas de sujeitos-pesquisadores-brasileiros como Prado Junior, Holanda e Freyre, além de outras possíveis, em FC a



interpretação ou a representação de mundo do que seja o Brasil e o do que seja ‘ser brasileiro’ ou ‘ser brasileira’ se dá a partir de ‘quem tem o seu próprio jeito e se manifesta no mundo’, ou seja, ela provém dos termos da pessoa-partilhante em interseção/inter-relação com o (a) filósofo (a) clínico (a) terapeuta.

A dinâmica desse diálogo filosófico se desenvolve de frente a um contexto singular historicizado, compreendidos e reconhecidos próprios termos conceituais da pessoa que partilha suas questões com o terapeuta, que traz à tona suas próprias verdades subjetivas em relação a tais ditas ‘verdades’ consensuais na sociedade, como aquela sobre o conceito de ‘corrupção’ e o predicado de ‘corrupto’ na definição do que seja o ‘jeitinho brasileiro’, ou aquelas verdades científicas propostas por meio das pesquisas interpretativas do Brasil que influenciam no entendimento do que seja jeito brasileiro de ser.

Com base na visão filosófico-clínica proposta por Packter (2001, p. 54), “cada um, conforme vimos, tem a sua verdade subjetiva, que é ‘a medida de todas as coisas’, porque ‘isso é assim para cada um’”.

Além daquilo que aprendemos anteriormente com Goya (2018), acerca do uso do termo ‘submodo’ em FC, em diferenciação ao uso do termo ‘técnica’ para os procedimentos clínicos, na ambiência de um cuidado clínico voltado à pessoa enquanto sujeito acolhido, respeitado e valorizado em sua humanidade singular, e não transformado em um simples objeto, este filósofo clínico também alerta sobre o seguinte:

Muitos autores, [...], advertiram ao fato que o próprio conceito de ‘sujeito’ ou ‘subjetividade’ foi, no mundo das ciências modernas, transformado [...] ideologicamente, em nome ou em benefício da condição humana, no seu inverso, na sua franca contradição; isto é, o sujeito tornou-se uma coisa sujeita aos interesses, ao poderio dos juízes, dos julgadores dos saberes constituídos para o poder econômico. É como dizer: **o conhecimento ou a verdade vale mais do que a pessoa, no qual a pessoa tem que se aplicar e se encaixar à técnica. É nesse sentido que a palavra submodo é utilizada, ao invés da técnica, ao invés da operação, ou da ferramenta, ou da aplicação da filosofia no outro.** [...]”. (Goya, 2018, 2 min 24 s – 3 min 35 s – grifos nossos).

Nessa explanação conseguimos ampliar aquilo que Packter nos adverte acerca da ‘verdade subjetiva de cada um’, num processo que é dinamizado a partir da pessoa e não com base nos termos das ciências modernas. Em FC, o objeto de estudo se desvela para o terapeuta a partir da pessoa partilhante, quando, na colheita da historicidade, ela apresenta o seu assunto imediato, a sua queixa.



A interpretação do jeito brasileiro de ser como objeto de estudo, se for o caso, vai se estruturando, portanto, ‘na medida da própria pessoa’, com sua representação de mundo acerca de seus assuntos sobre o Brasil, a brasilidade, o conceito que possui de cultura brasileira etc. Esse processo intersubjetivo ocorre juntamente ao trabalho do filósofo clínico, que aplica a metodologia da FC ‘de forma altamente personalizada ao partilhante’ (Sendtko, 2019), contribuindo com seu conhecimento na localização existencial do mesmo, via exames categoriais, mapeamento dos tópicos da EP e mobilização de procedimentos clínicos de ressignificação (submodos), proporcionando ao terapeuta um conhecimento mais próximo do funcionamento da malha intelectual da pessoa.

Bom, a ideia submodal significa que eu só posso ir ao outro do modo dele; o que implica que submodos são operações, são intervenções que pretendem efetivar a Estrutura de Pensamento do partilhante de forma autêntica. Em outros termos, por exercícios de submodos, no consultório, na prática clínica, é todo movimento que ajuda, promove o outro, ou a ‘outridade’ do partilhante, a ser ela mais profundamente si mesma (si própria). Tornar a pessoa ela mesma, não é óbvio! [...]. (Goya, 2018, 3 min 36 s – 4 min 59 s).

Goya (2018), ainda em sua introdução a respeito dos submodos, ou seja, os modos submetidos ao jeito de cada um e de cada uma, apresenta os conceitos de ‘autenticidade’ e de ‘outridade’, quando na relação com tudo que já fora colhido e aprofundado na historicidade, localizado nos exames categoriais e mapeado nos tópicos da EP do (a) partilhante, quando o filósofo clínico cuidadosamente vai ao mundo da pessoa partilhante, acolhendo suas verdades enquanto outro, ao modo desde sujeito, e não ao modo do (a) terapeuta.

Embora cada pessoa possua sua verdade subjetiva, a pessoa em si não está solta no mundo; ela está circunscrita no mundo e com ele possui relações, posiciona-se num lugar, vive determinadas circunstâncias, costumes, culturas, condições, regras e experiências *sui generis*, cada qual a seu modo, mesmo na mesma família, na mesma cidade, país ou em relação à mesma definição de um conceito de determinado conteúdo apreendido sobre o Brasil e o que define este país como um povo ou uma nação, ou ao que seja ‘ser brasileiro’.

Por meio do conjunto ou da inter-relação desses possíveis objetos de estudo que estão no entorno, valha dizer, na relação que cada pessoa estabelece a partir de sua representação de mundo com as coisas, a natureza, a realidade e as pessoas, é possível lançarmos bases sólidas para o entendimento dos contextos que formam o jeito brasileiro



de ser no âmbito da singularidade de cada existência, paralelamente com os conteúdos presentes na historicidade de quem partilha ao seu modo a sua própria história e sua cosmovisões.

Esta base histórica representada a partir dos mundos da pessoa, narrada e editada por ela, em outras palavras, é o alicerce que fundamenta e o ponto de partida que direciona o entendimento das situações existenciais vividas.

É fundamental ter presente, no âmbito das investigações filosófico-clínicas, a seguinte proposição de Goya, sobre os cuidados ao se embrenhar numa análise das categorias e termos singulares de uma pessoa:

Nenhuma teoria diagnóstica é adequadamente capaz de conhecer o fenômeno humano, no nível existencial da singularidade, sem profundos exames das bases categoriais de percepção e julgamento do mundo do partilhante (assunto, circunstância, lugar, tempo e relação), tal qual a maneira como ele mesmo perspectiva sua realidade entorno. (Goya, 2020, p. 57).

No Brasil, ‘o jeito que não foi programado para ser’, pelo contrário, ‘passou a ser’, a partir de certas circunstâncias, o que promoveu um modo singular de ser um tanto bizarro e que esteve diversas vezes ameaçado, mas que conseguiu se consolidar.

Por assim dizer, o jeito brasileiro nasce de longa data, pois surge na fundação do Brasil, na época da colonização, em especial, nos tempos da escravidão. O jeito de ser surge das chibatadas, das correntes, do isolamento, no cumprimento do grande desafio em estar em um local estranho, sem família, sem nome, sem liberdade, sem ser dono do seu próprio corpo e também sem ser dono da sua própria alma.

Desapossados de suas terras, escravizados em seus corpos, convertidos em bens semoventes para os usos que o senhor lhes desse, eles eram também despojados de sua alma. Isso se alcançava através da conversão que invadia e avassalava sua própria consciência, fazendo-os verem-se a si mesmos como a pobre humanidade gentílica e pecadora que, não podendo salvar-se neste vale de lágrimas, só podia esperar, através da virtude, a compensação vicária de uma eternidade de louvor à glória de Deus no Paraíso. (Ribeiro, 2014, p. 67).

Perante tais circunstâncias, ‘o jeito’ era fugir. No entanto, a fuga se modularizou, ou seja, tornou-se uma luta de resistência com muitas modalidades, gerando um espectro diversificado devido às tantas opressões. Não se tratava somente da fuga em si, mas em ser um movimento contra ao pensamento e às construções dos mecanismos de controle e manutenção da ordem escravista e das estratégias desenvolvidas em prol da repressão.





Neste ponto, observa-se um jeito diferente, nem malandro, nem corrupto, mas como sendo germe de um movimento organizado com diferentes propósitos, tais como:

[...] escapar da extrema violência de castigos físicos ou morais, driblar a imposição da ruptura de laços afetivos ou amorosos por venda, reagir à quebra de acordo pela arbitrariedade do senhor, tentar abrir uma brecha para negociação numa situação de conflito, recusar o excesso de castigos e sevícias, e, é claro, afirmar o desejo de liberdade. (Schwarcz; Starling, 2015, p. 149).

Assim, tal movimento em vista da liberdade como conceito e condição fundamental do predicado de ‘ser livre’ inaugurava um novo jeito de ser, valha dizer, era o nascimento de um ‘jeito de viver’ em resistência ao um processo de desumanização.

Esse ‘viver’, de fato, não existia, foi resistentemente forjado na luta e derivado de vários outros ‘jeitos’, ou seja, do jeito de aguentar, de suportar, de fugir, de resistir, de posicionar-se, de lutar, de comer, de correr, de cultivar, de sabotar, e doutros tantos jeitos mais. E assim se formaram ‘jeitos’ que derivaram outros jeitos, uns maiores, outros menores, e ‘jeitinhos’.

Todo esse movimento de constituição histórica e sociocultural do ‘jeito brasileiro de ser’ nos revela, na verdade, a possibilidade plural de vários ‘jeitos brasileiros de ser’, dados tanto pela História registrada e documental, bem como pelas histórias narradas pelos nossos ancestrais via relatos, cantos e cantigas de dor, alegria, sofrimento, encontro e isolamento.

No contexto apresentado até aqui, em contraponto ao que se descreve sobre o Brasil nos textos tradicionais surgidos nas décadas de 1930 e 1940, na obra recente de Schwarcz & Starling que busca traçar uma biografia do Brasil, percebe-se a formação de um subconjunto riquíssimo de jeitos/modos de viver baseados em jeitos de sobreviver, de resolver, de pedir, de agir e de resistir perante aos problemas/assuntos que surgem.

As pessoas têm “representações” (Schopenhauer) imensamente diferentes. Algumas resolvem seus problemas fugindo deles, pedindo socorro, enfrentando de um modo suicida, ou estudando maneiras adequadas, ou negando que tenham problemas, ou encarando problemas como dádivas ou ensinamentos pelos quais precisam passar. (Packter, 2001, p.55).

As vastas formas de expressão da arte e da cultura do Brasil, por exemplo, são campo de manifestação desses paradoxos existenciais das diferentes representações de mundo apontadas por Packter, bem como o processo de constituição identitária a que foi submetido o povo e a nação do Brasil, conforme se depreende a partir da leitura de ‘Brasil:



uma Biografia' das historiadoras Schwarcz & Starling, não apenas em relação ao período da escravidão negra, mas desde a escravização dos povos indígenas originários dessa terra.

É fato que grande parte dos pré-julgamentos (prejuízos) e das armadilhas conceituais que estão no âmago das mais variadas formas de preconceito que vivemos no Brasil vêm desse passado escravocrata e colonialista, com visível predileção pelas expressões e valores culturais eurocêntricos e norte-americanos, algo que a FC, com sua metodologia, contribui como uma prática filosófica decolonial da pessoa humana, na medida que o partilhante deseje ou não defrontar-se com os espectros que o oprimem ou o libertem, com o 'seu próprio jeito brasileiro, português, indígena, africano, venezuelano, italiano ou inglês de ser'.

Quanto ao conceito do predicado de 'jeitinho', segundo Borges (2006), a expressão indica uma recusa inteligente de submissão cultural ao projeto decadente da civilização, e implica uma ética afetiva apoiada na percepção da situação. Em outras palavras, "o jeitinho é caracterizado por uma situação na qual uma regra instruída como universalmente válida é desprezada em favor de urgências circunstanciais e afetivas" (Borges, 2006, p. 18). Além disso:

O que o caracteriza é uma opção axiológica que dota um problema emergente, com forte apelo emocional, de valor maior que as determinações insensíveis da regra. Nessa situação, características como simpatia, capacidade de comunicação, modo de falar, sinceridade, humildade e igualdade diante da fragilidade humana são indispensáveis. (Borges, 2006, p. 18)

As situações complexas do tempo da colonização do Brasil exigiam movimentos complicados. Um deles estava relacionado com a identificação. A rejeição provocou um novo jeito de ser, um novo jeito de se manifestar e de se posicionar frente ao desafio de gerar a sua própria identificação. Conforme reflete Ribeiro,

Nenhum índio criado na aldeia, creio eu, jamais virou um brasileiro, tão irredutível é a identificação étnica. Já o filho da índia, gerado por um estrangeiro, branco ou preto, se perguntaria quem era, se já não era índio, nem tampouco branco ou preto. Seria ele o protobrasileiro, construído como um negativo feito de sua ausência de etnicidade? Buscando uma identidade grupal reconhecível para deixar de ser ninguém, ele se viu forçado a gerar sua própria identificação. (Ribeiro, 2014, p. 131).

Não bastava que o jeito fosse puramente resistente, havia que ser criativo. A criatividade também era demandada na resistência, além da sorte, barganha e malícia que



engendraram uma estratégia indireta para não apenas atacar, mas também desgastar o inimigo.

Uma das estratégias indiretas mais comuns foi a sabotagem, cujo êxito dependia de um pequeno esforço e provocava um prejuízo irreparável ao proprietário. Além desta situação, criam-se novos jeitos para formar uma capacidade de resistência; é aí que a lembrança, o culto de memórias, de traços, e vestígios de raízes culturais indígenas e africanas foram indispensáveis e serviram de base para a construção de uma vida religiosa e lúdica que funcionou como importante ferramenta na elaboração de identidades coletivas e formas de resistência grupal.

Como uma dessas práticas que reúnem conhecimentos e saberes primitivos e ancestrais presentes na cultura do Brasil como uma amálgama, a partir de simbioses e sincretismos criativos, destaca-se a capoeira.

Com base em Schwarcz & Starling (2015, p. 463), a capoeira sofreu repressão pela polícia do final do século XIX e chegou a ser tipificada como crime pelo Código Penal de 1890; quase meio século mais tarde, valorizada pelo Estado Novo em 1937, a prática entrou no rol da política populista para produção de uma identidade cultural brasileira, sendo hoje em dia reconhecida, nacional e internacionalmente, com valor de patrimônio cultural imaterial do Brasil (IPHAN, 2008) e da humanidade (UNESCO, 2014), seja como coreografia, seja como um jogo, além de ser igualmente uma forma de luta e de memória da resistência dos escravos, preservados nos saberes e fazeres do Ofício dos (das) Mestres (as) e na (s) Roda (s) de Capoeira, presentes em mais de 170 países.

No âmbito da corporeidade indígena-afro-brasileira, esta terra chamada Brasil possui suas raízes histórias de corpos sofridos, rejeitados, ‘sem jeito’. Há uma fundamentação somática conturbada com os primeiros elementos a habitar uma Estrutura de Pensamento (EP). As raízes da Estrutura Orgânica<sup>3</sup> (EO – mente e corpo unificados), conduziram formas, meios de sobrevivência, soluções, criações, resistência de nossos ancestrais, as quais estão na base categorial de nossos modos de ser.

Na leitura de David Hume (1973, p. 1711-1776), aprendemos que nossos pensamentos são inferiores às sensações, pois derivam destas (*apud* AIUB, 2000, p.12). Nessa corrente epistemológica, a mente não produz ideias, mas tem a faculdade de

---

<sup>3</sup> Cf. abordagem do professor, capoeirista e filósofo clínico Marcelo Pertussatti em seu estudo ‘**Capoeira Clínica: formação humana via interseção de Educação Física, Filosofia Clínica e prática de Capoeira**’ (2010), desenvolvido como trabalho de conclusão de seu curso de Educação Física. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/284176711\\_CAPOEIRA\\_CLINICA\\_FORMACAO\\_HUMANA\\_VI\\_A\\_INTERSECAO\\_DE\\_EDUCACAO\\_FISICA\\_FILOSOFIA\\_CLINICA\\_E\\_PRATICA\\_DE\\_CAPOEIRA](https://www.researchgate.net/publication/284176711_CAPOEIRA_CLINICA_FORMACAO_HUMANA_VI_A_INTERSECAO_DE_EDUCACAO_FISICA_FILOSOFIA_CLINICA_E_PRATICA_DE_CAPOEIRA).



combinar os materiais vindos do sensório-motor em diferentes formas, originando os pensamentos, inclusive meios para se entender em coisas que não existem na realidade.

Nessa ambiência com atenção sensorial, ao físico, ao concreto e à corporeidade, a FC tem uma especial preocupação em observar outras linguagens manifestadas pela pessoa partilhante em clínica, sempre respeitando o ritmo de manifestação existencial das questões da pessoa e a auxiliam para propriocepção e analgesia, conforme nos alerta Goya:

Buscando alternativas subjetivamente viáveis às mudanças que se mostram importantes, evitando-se os sofrimentos desnecessários ao partilhante, o filósofo clínico pode então empregar submodos terapêuticos, modos submetidos ao jeito da autenticidade de cada um. Isto é, são procedimentos clínicos existencialmente adequados à pessoa com o objetivo de nela se desfazerem possíveis conflitos existenciais, choques tópicos contidos na sua estrutura de pensamento. (Goya, 2020, p. 106).

Muitos conceitos e predicados sobre ‘jeitos brasileiros de ser’ ou sobre ‘jeitos corretos / incorretos de ser’ podem chegar ao terapeuta pela historicidade da pessoa na clínica, mas terão relevância aqueles predicados que realmente forem afirmados de forma inteligível e de forma sensível pela pessoa.

A FC, no mapeamento da EP, tem a capacidade de se aproximar, compreender, entender de forma semelhante, alinhar, viabilizar, eliminar choques e permitir uma existência mais leve a partir de procedimentos altamente personalizados à pessoa.

Com um olhar e uma escuta atenta às expressões sensoriais desde a EO do partilhante, a FC assim permanece aberta à compreensão do (s) ‘jeito (s)’ da pessoa, como também a colaborar na localização/estruturação ‘de um jeito mais autêntico’, de acordo com o que o partilhante estiver buscando realizar sobre si mesmo. Desse modo, em FC, ao se estudar sobre o ‘jeito brasileiro de ser’, mais que isso, vislumbra-se um ‘jeito brasileiro de ser de uma determinada pessoa segundo os termos e predicados definidos por esta mesma pessoa’.

### 2.3 O JEITO BRASILEIRO DE SER À LUZ DA FILOSOFIA CLÍNICA (FC) E DA ESTRUTURA ORGÂNICA DA PESSOA

“Para mensurar com maior propriedade, no espaço de Interseção, é fundamental recordar que o corpo é o modo de ser no mundo da pessoa.” (Packter, 2020, p. 51). O espaço de interseção citado por Packter, compreende também um espaço de relação onde se produz memória. O corpo está sempre em relação. Utilizando-se de um vice-conceito,



o corpo, entre outros recursos, possui funcionalidade tal como uma antena que capta todas as informações do mundo onde se encontra e produz significados mecânicos, posturais e posicionais a partir da aquisição de um conjunto infinito de dados semióticos das mais variadas formas. A exemplo, uma pessoa pode se situar em uma esquina tomando um café sem pensar literalmente em nada, somente curtindo o sabor daquele café. O corpo, embora parado, posicionado naquela esquina, está trabalhando constantemente.

Corpo, alma, matéria, espírito, sistema nervoso, músculos, pensamentos, sensações, massa, ideia, vísceras, intuição, instintos e princípios estão no ser humano funcionando, evoluindo e interagindo continuamente de modo ordenado. (Gaiarsa, 2021, p. 33)

A pessoa, na esquina com o seu café, tem uma postura baseada na visão, na sua orientação. O corpo da pessoa está tensionado, situado, formado de um jeito, um desenho corporal. O corpo em posição, lugar e relação, capta um conjunto infinito de dados semióticos que produz constantemente informações. Essas informações geram conteúdos que habitam a Estrutura de Pensamento e proporcionam oportunidades de ação submodal. Todas as decisões dependerão da captação das informações obtidas pelo corpo. Em Filosofia Clínica, isto é interpretado a partir dos Exames Categroriais, categoria Lugar. O lugar não é um 'local', mas um "como" da relação com esse local (Caruso, 2021, p. 47)

A terceira Categoria chama-se Lugar. Mensuramos, especificamente, como a pessoa se sente (portanto, suas sensações) e o que pensa (portanto, a representação mental, intelectual, que criou para si mesma) a propósito do ambiente onde está inserida. (Packter, 2020, p. 51).

O Lugar, em Filosofia Clínica, sob a perspectiva da motricidade humana, se enquadra em quatro parâmetros básicos: posição, orientação, direção e conformação. Segundo Gaiarsa (2021), a direção é o estabelecimento de uma correlação Eu-Objeto. A orientação, é o tracejamento de linhas horizontas e verticais da cena, tanto as proprioceptivas quanto as visuais. A posição é a forma tensional assumida pelo corpo ante o objeto e dentro da cena. A conformação é a forma adequada da posição em relação à forma dinâmica do objeto.

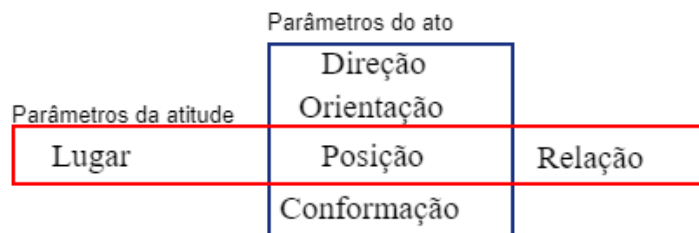
Borges (2006) observa que os quatro parâmetros produzem sentido, ideia, movimento, instinto, imaginação, sonho, intuição ou o que seja. A decisão tomada por uma pessoa será um elemento que faz parte do conjunto maior de todos os dados

semióticos obtidos pela sua estrutura orgânica, como um todo. Os fenômenos do comportamento estão entrelaçados na postura biomecânica do corpo humano.

Toda a forma de expressão, de relação, tudo o que posso querer, ser ou estar, tudo o que me faz ser no mundo está vinculado ao meu corpo. As maneiras inversivas que pesquisamos nos Submodos mostram a qualidade dessa relação. Quando o filósofo estiver pesquisando a Categoria Lugar (formações do intelecto e sensações relacionadas ao meio onde a pessoa vive), deve considerar que o corpo da pessoa é o somatório de seus modos de existência. Então, em conformação com a Interseção estabelecida, o clínico pode constatar se a pessoa se move com liberdade ou com dificuldade de expressão, se apresenta um corpo devastado por moléstia e ocupações da mente com assuntos polutos, se há confirmação do corpo às assertivas verbais, qual a qualidade da relação com o ambiente; enfim, se é onde a alma está encarcerada (Platão) ou se é justamente o meio que nos liberta para a confortável alegria de apenas viver. (Packter, 2020, p. 54)

O jeito de estar no mundo, é o jeito de ser. O jeito de ser, é o jeito de se posicionar. A atitude é a preparação de uma resposta baseada na tríade Lugar-Posição-Relação. As atitudes produzem formas no corpo, produzem jeitos. A atitude, portanto, é a forma significativa que o corpo produz, e tem vínculo o que a pessoa é, o seu jeito, a sua história.

Figura 1 – Esquema dos Parâmetros de Ato e Atitude na ‘EO’



Fonte: Aatoria, 2024.

Todos os fenômenos (do comportamento, da expressividade, semióticos, sensoriais e abstratos, emotivos, da espacialidade, da tríade do pensamento, das intersecções e bases categoriais e etc.) estão entrelaçados na estrutura orgânica, na biomecânica do corpo, na postura, no movimento. O corpo não é só captura de elementos, mas ele representa seus diversos estados, de análise e de resultado.

Quando um corpo passa por novas vivências, pode se manifestar na falta de posição, desequilíbrio, no corpo sem jeito. Na busca do jeito adequado, no “melhor jeito” ou da “melhor forma de posicionar”, o corpo adquire novas formas e se adapta.

Os parâmetros do ato e os parâmetros da atitude proporcionam a criação de uma inteligência situada, que permite, por exemplo: ir de um lugar para o outro e se manter na



mesma posição; mudar de relação e estar sempre o mesmo lugar; não sair do lugar e mudar a posição (lugar relacional onde a pessoa se coloca). Os parâmetros (ato/atitude) promovem para o copo a capacidade, entre outras, de mudar, criar, impor, flexibilizar, proporcionar, repetir, reproduzir, inovar uma determinada situação.

A raiz etimológica da palavra situação é *situs*, sinônima de *locus*, local. Daí situar e localizar caracterizam a relação Espaço-Temporal dos objetos com um sujeito. Portanto a situação na maioria das vezes será dinâmica. Ela corresponde ao contato no qual o sujeito e o objeto são ou estão compostos, postos simultaneamente. Colocado, portanto, enfatiza a posição, e composto enfatiza a situação, pois composto é dinâmica, colocado é a geometria; uma assinala as formas, outra assinala o espaço, o lugar e a disposição relativas dos dois ou mais objetos em presença. (Borges, 2006, p. 30 – grifo nosso)

Para mudar a situação, antes é preciso entendê-la. Segundo Bayer (1979), o modo de entender uma situação corresponde a uma lógica contendo duas situações: pensamento e tensão. Gaiarsa (1988, p. 105) aponta algumas palavras que derivam da mesma raiz *tend*: tender, entender, tenda, tendão, extensão, entesar, atento, intento, tentar, intenção e atenção. “[...] *Tend* é tensão organizada, é composição de forças, é aquilo que está pronto para agir ou para disparar o alvo”. (Gaiarsa, 1988, p. 105 – grifo nosso)

O entendimento de uma situação, promove para o corpo a organização de suas tensões, gerando uma relação espacial singularizada, uma espacialidade relacional tal como uma tenda singular. Neste espaço, as pessoas estão continuamente mapeando subjetivamente os ambientes para entender a própria posição com relação às forças que sofre do ambiente, além de buscar uma resposta para elas. A resposta se correlaciona com a produção de atitude corporal.

Observando a Figura 1, direção, orientação e conformação se ajustam no primeiro ato para formar uma posição de atitude em resposta ao local e a relação. Esta atitude, por consequência, trata-se de um corpo que se posiciona na tenda e continuamente se ajusta (conformação), é a forma como o corpo se prepara para lidar com os ambientes. O ambiente pode ser tanto relacionado com a natureza, com os seus próprios movimentos e deslocamentos, com a sociedade (classe, raça, etc., sexo, gênero e etc.) bem como também a relação com as outras pessoas (força, intensão, inclinação, intensidade dos corpos que interagem).

O jeito pode ser entendido como um processo de envolvimento da mente com o sistema sensorio-motor para suportar abordagens universalizáveis. No Brasil, este processo é afirmado na cultura brasileira como o jeitinho brasileiro, sendo uma



abordagem singularizada. O jeitinho brasileiro se caracteriza como um inteligir posicional de caráter de recusa inteligente de submissão cultural ao projeto civilizatório opressor. Trata-se de uma ética afetiva apoiada no entendimento/percepção da situação.

### 3 DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO E ANALÍTICO DA PESQUISA

A pesquisa se fundamentou em documentos físicos e digitais, via motores de busca na *internet*, como plataformas *Google*, *Scholar Google* e a *SciElo*, com os descritores ‘jeito *and* brasileiro’, ‘modo de ser *and* brasileiro’, ‘povo *and* brasileiro’, ‘cultura *and* brasileira’ e ‘história *and* Brasil’, cujo recorte focou em principais linhas de interpretação e entendimento do Brasil e da sociedade brasileira, como obras de unidade de contexto e análise.

Caracterizada como uma pesquisa qualitativa, de método argumentativo-dedutivo apoiado em proposições oriundas de textos escolhidos na Revisão de Literatura realizada, este ensaio básico de revisão aponta predicados assumidos culturalmente como próprios ao ‘jeito brasileiro de ser’ ou ainda ao ‘modo de ser’ das pessoas nativas do Brasil e/ou que neste território vivem e assim se definem ‘brasileiras’, com o auxílio de estratégias metodológicas a partir de conceitos da Filosofia Clínica, em diálogo com as proposições das duas principais linhas interpretativas do Brasil, compondo assim um *corpus* para pesquisa fundamentalmente de procedimento de análise bibliográfica.

Como primeiro exercício de iniciação científica do Mestrado em Filosofia Clínica do Instituto Sendtko de Ensino Superior, a investigação realizada por este ensaio contribui para o movimento de inclinação da FC perante a temática do ‘jeito brasileiro de ser’, promovendo assim, a aquisição de novos saberes baseados principalmente na historicidade e nos exames das categorias, com possibilidade de discussões ampliadas no âmbito dos outros pilares da metodologia da FC, ou seja, a EP e os Submodos.

Foi possível vislumbrar alguns caminhos de discussão e aprofundamento por meio de textos externos que atribuem certas interpretações sobre o Brasil e o contexto histórico e sociocultural que envolve o conceito o ‘jeito brasileiro’, que estão na base da assimilação de certas qualidades ou certos predicados assumidos como ‘verdades’ não apenas universais, do ponto de vista geral do Tópico 07 da EP, mas também como ‘verdades’ particulares e singulares (Termos: universal, particular e singular), na relação





com as categorias Assunto Imediato, Circunstância e Lugar, mas também com outros tópicos da EP que podem configurar outras discussões em estudos complementares.

Além de encontrar possíveis características existenciais comumente atribuídas ao povo brasileiro, na análise de algumas conceituações do ‘jeito brasileiro de ser’ tiveram destaque três formas universalizantes, quais sejam: ‘o jeito corrupto’, ‘o jeito resistente’ e o ‘jeito criativo’, cada qual com suas possibilidades constitutivas.

O Brasil foi e ainda é um lugar que evidenciamos o ‘jeito brasileiro de ser’, com as suas formas, criatividade e multidimensionalidades existenciais e culturais. Lugar, em FC, diz respeito ao corpo, estrutura orgânica, extensa, pelo que se revela o modo sensorial de ser, em cada situação ou momento da categoria circunstância. Historicamente, este lugar feriu muitas pessoas e provocou uma multiplicidade de ‘ser’ e de ‘não ser’. E o que somos, então?

“Entre o que se é e o que se acredita ser, já fomos quase tudo na vida: brancos, negros, mulatos, incultos, europeus, norteamericanos e Brics. Gênero de deslocamento tropical do famoso ‘ser ou não ser’, no Brasil “não ser é ser””. (Schwarcz; Starling, 2015, p. 19).

Nas diferentes linhas interpretativas para a questão Brasil e a sociedade brasileira, embora exista um distanciamento entre elas, o método da Filosofia Clínica pode realizar coleta de dados suficiente para compor uma linha própria de interpretação das questões relacionadas ao ‘jeito do brasileiro de ser’ na singularidade historicizada de cada partilhante, com o que no deparamos com as possibilidades no plural, valha dizer, com possíveis ‘jeitos/modos brasileiros de ser’.

A nova visão desenvolvida pela pesquisa fortalece o entendimento dos diversos jeitos contidos na existência do brasileiro, bem como uma maior aproximação da identidade, compondo assim, uma inovação para esta questão: uma estrutura orgânica formada por diferentes matrizes e abalada por inúmeras situações que engendram movimentos abstratos singulares como forma de se posicionar no mundo baseada na resistência, na luta, na sobrevivência, na cultura, dentre outros movimentos.

O ‘jeito brasileiro de ser’, uma vez circunscrito no mundo e observado sobre o viés do produto de um conjunto de historicidades, forma, a partir desta pesquisa, uma base contextual com novas interpretações e possibilidades de amplitude para a questão categórica (lugar) e submodal (Atalho e combinações/derivações de modo de ser).



#### 4 INFERÊNCIAS E CONSIDERAÇÕES

Depreendeu-se que o jeito do povo brasileiro resulta do surgimento de uma massa de gente nova, constituída pela transfiguração de suas matrizes étnico-raciais, caracterizando-se por ser um povo que aprendeu a desenvolver ‘um novo jeito de estar no mundo’ diante das complexas questões coloniais e inúmeros desafios ambientais no contexto de sua formação e desenvolvimento até hoje.

Conforme exposto na pesquisa, analisar questões do Brasil, da sociedade brasileira, de sua cultura, enfim, com base no método da Filosofia Clínica, gera como resultado a extração de um riquíssimo saber a partir de movimentos decoloniais de compreensão e interpretação, com base em epistemologia (s) que divergem daquela dos colonizadores, da opressão e da desumanização.

Os caminhos da resistência e da desconstrução de padrões, conceitos e de perspectivas impostas ao povo brasileiro durante anos promovem uma matriz singular de elementos capazes de compor novas leituras, pesquisas, descobertas, extensões de saberes com energia em potencial para uma alteração significativa para o próprio método, tornando-o mais rico e abrangente, bem como para a constituição dos discursos que venham minimizar, prejudicar ou mal interpretar a expressividade do brasileiro, em particular, ‘o seu modo de ser’, que é singular em cada pessoa.

#### REFERÊNCIAS

AIUB, Monica. **Sensorial e Abstrato**: Como avaliá-lo em Filosofia Clínica. São Paulo: APAFIC, 2000.72p.

AULA 30, PARTE II - da Formação em Teoria da Filosofia Clínica - Turma Magnólia - Prof. Will Goya. Publicado pelo canal **Will Goya, filósofo clínico**. Produção: Casa de Estudos Francisco de Assis. Aula de 24/11/2018. "Submodos. O que são na Filosofia Clínica? Aula introdutória". Goiânia, 24 nov. 2018 (Publicação on-line: 26 nov. 2018). 1 vídeo (45 min 01 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FuGCazNIZ8g&list=PLeKPXzI825xGpaSMMW-UV028LikjS3Aev>. Acesso em: 12 jul. 2022.

BARBOSA, Lílvia. **O jeitinho brasileiro**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BAYER, Raymond. **História da Estética**. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.

BORGES, Fernanda Carlos. **A Filosofia do Jeito**: um modo brasileiro de pensar com o corpo. São Paulo: Summus, 2006.



CARUSO, Miguel Angelo. **Introdução à Filosofia Clínica**. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

GAIARSA, José Angelo. **A estátua e a bailarina**. São Paulo: Ícone, 1988.

GAIARSA, José Angelo. **A estátua e a bailarina**. 3. ed. São Paulo: Ágora, 2021. 336p.

GOYA, Will. **A escuta e o silêncio: a história de Laura – Terapia em Filosofia Clínica**. 4. ed. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020. 268p.

GOYA, Will. **A escuta e o silêncio: lições do diálogo na filosofia clínica = Listening and silence: lessons from dialog in clinical philosophy / Will Goya; tradução Clare Charity; revisão Fernanda Moura**. 2. ed. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010. 422 p.

HUME, D. **Investigação sobre o entendimento humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

IPHAN. **Capoeira – Patrimônio Imaterial. Ofício dos Mestres e Roda de capoeira**. 2008a. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66>. Acesso em: 18 mar. 2022.

IPHAN. **Parecer 031/08 – Registro da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Salvador: 2008b. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 18 mar. 2022.

O QUE É FILOSOFIA CLÍNICA? Questões de Consultório. Publicado pelo canal **Gilberto Sendtko**. Produção: Instituto Sendtko de Ensino Superior. Quadro - Questões de Consultório. Perguntas e respostas sobre a Filosofia Clínica, sua origem e metodologia. Com o Professor e Filósofo Clínico Gilberto Sendtko e o Terapeuta Transpessoal Everaldo Oldoni, em 10/06/2019. Chapecó, 10 de jul. de 2019. 1 vídeo (34 min 59 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=meJZqAml4r0>. Acesso em: 12 jul. 2022.

PACKTER, Lúcio. **Caderno A- Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020. 67p.

PACKTER, L. **Filosofia Clínica: Propedêutica**. Florianópolis: Garapuvu, 2001.

PERTUSSATTI, Marcelo. **Capoeira Clínica: Formação Humana via Interseção de Educação Física, Filosofia Clínica e Prática de Capoeira**. 2010. 127 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC *Campus* de Xanxerê (SC), Xanxerê, 2010. (1 DVD Rom). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/284176711\\_CAPOEIRA\\_CLINICA\\_FORMACAO\\_HUMANA\\_VIA\\_INTERSECAO\\_DE\\_EDUCACAO\\_FISICA\\_FILOSOFIA\\_CLINICA\\_E\\_PRATICA\\_DE\\_CAPOEIRA](https://www.researchgate.net/publication/284176711_CAPOEIRA_CLINICA_FORMACAO_HUMANA_VIA_INTERSECAO_DE_EDUCACAO_FISICA_FILOSOFIA_CLINICA_E_PRATICA_DE_CAPOEIRA). Acesso em: 18 mar. 2022.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil** [recurso eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Global, 2014.



SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Maria Murgel. **Brasil:** uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

UNESCO. *Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage. Intergovernmental Committee for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage. Session, 9th, November 2014, Paris, France. Nomination file no. 00892 for Inscription on 176 the Representative List of the Intangible Cultural Heritage of Humanity in 2014: Capoeira Circle.* Paris, France: UNESCO, 2014. 25p. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/9com-november-2014-00574>. Acesso em: 18 mar. 2022, 16:17:06.

---

\* Mestrando do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Instituto Sendtko de Ensino Superior Chapecó-SC – Mestrado Livre e Institucional em Filosofia Clínica (PPG-MLI-FC). E-mail: [maustn@gmail.com](mailto:maustn@gmail.com).